



III Congresso Internacional do OBSERVARE
17-18-19 de Maio 2017 | Fundação Gulbenkian

BEYOND BORDERS
People, spaces, ideas

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS
Pessoas, espaços, ideias

A VEZ DO WHATSAPP: NOVOS ESPAÇOS DA POLÍTICA

SÉRGIO BARBOSA DOS SANTOS SILVA¹

RESUMO: O objetivo geral deste texto é investigar como o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's), em particular, o WhatsApp, vem se apresentando como elemento central para a convocação e a mobilização de ciberativistas em novos espaços da política. Para tanto, foi enfocado de que forma os usuários do grupo “# Unidos Contra o Golpe” organizaram protestos em 2016 na cidade de Florianópolis, no que se convencionou denominar usualmente de ciberativismo. O método de investigação é “netnografia” do grupo do WhatsApp, juntamente com a análise de mensagens postadas e a realização de entrevistas semi-estruturadas, ressaltando as motivações quanto ao seu uso político. Para isso, o estudo utilizou procedimentos analíticos de cunho amplamente qualitativo. A pesquisa verificou o potencial mobilizador do WhatsApp para além das abordagens dicotômicas que, por um lado, defendem entusiasticamente o potencial democratizador da internet como uma espécie de “ágora digital”, por outro, observam sua expansão como tendência à alienação e à desmobilização. Conclui-se, a partir da análise empírica, que os múltiplos usos do WhatsApp representaram novas formas de participação política traduzidas em mecanismos de ativação da cidadania e impacto positivo nas formas coletivas de sociabilidade do grupo.

PALAVRAS CHAVE: WhatsApp; Ciberativismo; Democracia; Participação Política.

¹ Bacharel em Sociologia pela Universidade de Brasília (2014). Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (2015). Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Atualmente, é doutorando em Democracia no século XXI pelo Centro de Estudos Sociais (CES) junto à Universidade de Coimbra em Portugal. Desenvolve pesquisas relacionadas, principalmente, aos seguintes temas: democracia; participação política; internet; WhatsApp e ciberativismo. Endereço eletrônico: sergio.barbosa30gmail.com



Este texto versa sobre o uso político do WhatsApp com objetivo de analisar e identificar diversas modalidades de participação na política contemporânea promovidas pelo seu uso no âmbito da bibliografia sobre ciberativismo e TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação). Buscamos entender o papel do WhatsApp na convocação e mobilização de ciberativistas inscritos em um grupo do aplicativo intitulado “# Unidos Contra o Golpe” ou UCG (iniciais utilizadas pelos usuários).

O UCG foi criado a partir do desejo de lutar contra o golpe² que se organizou no ano de 2016 no Brasil e reivindicou o retorno de Dilma Rouseff à presidência da república. A indignação com a situação política do Brasil motivou seus usuários inscritos a refletirem e discutirem o cenário político que o país atravessou nesse ano. Ao investigar o uso político do WhatsApp nas novas formas de ativismo, sem restringir a participação política a um repertório de ações tradicionais, pretendemos: “compreender melhor os fenômenos de participação política nas sociedades contemporâneas, reconhecendo que nem todos os movimentos e associações estão dispostos a participar dos espaços institucionais de partilha do poder” (PEREIRA, 2012, p. 84).

Há pouca produção acadêmica sobre estudos que relacionam a ferramenta do Whatsapp com o mundo político.³ Assim, a estratégia metodológica adotada foi a “netnografia” do grupo do WhatsApp desde o ingresso deste pesquisador em meados de Abril de 2016. A partir da “netnografia”, realizamos a análise das informações postadas pelos usuários do grupo no mês de setembro de 2016 e quinze entrevistas semi-estruturadas com residentes de Florianópolis inscritos no UCG. O estudo em questão foi realizado de modo amplamente qualitativo.

Mouffe (2015) observa que um dos grandes desafios da democracia no século XXI é “não poder se limitar a estabelecer uma solução conciliatória entre interesses ou valores ou a deliberar acerca do bem comum; ela precisa apoiar-se concretamente nos desejos e fantasias do povo” (MOUFFE, 2015, p. 6). Como avaliar uma era de imprevisibilidade, mudanças e transformações em que as redes de interação social expandem-se para fora das unidades políticas territorialmente definidas pela organização do Estado Moderno?

A formação das “paixões” na política, elemento-chave considerado por Mouffe (2016) na construção de formas coletivas foi também diagnosticado no grupo investigado. Por paixão, Chantal entende “um certo tipo de afeto comum que é mobilizado no campo político na constituição de formas de identificação” (ERREJÓN & MOUFFE, 2016, p. 53, tradução nossa) e “desempenham um papel fundamental na política, e a tarefa da política democrática não é superá-las por meio do consenso, mas elaborá-las de uma forma que estimule o confronto democrático” (MOUFFE, 2015, p. 5). O confronto entre identidades diversas no UCG permitiu florescer a “paixão” como elemento fundamental na constituição do espaço coletivo dentro do WhatsApp. Foi o elemento que deu fôlego ao *modus operandi* do UCG, a medida que o choque de opiniões diversas entre os usuários foi crescendo concomitante ao entrosamento do grupo e, ao fim e ao cabo, foram capazes de formar um ator coletivo. Em verdade, os aspectos da “paixão” operam como ingrediente contrário à forma racional de conceber o mundo político (BARBOSA, 2017).

As TIC's têm possibilitado novas formas de atuação política para além dos canais institucionais, “aumentando a capacidade de mobilização e a articulação dos cidadãos e possibilitando um maior envolvimento dos atores sociais” (PENTEADO ET AL, 2015, p. 1598). As formas de ativismo digital sinalizam novas possibilidades de mobilização política ao sugerir reconfigurações de práticas participativas. A saber, “compreendeu-se que a internet não traz modificações automáticas; nós, usuários, é quem configuramos e utilizamos as ferramentas de maneiras diversas, com objetivos pontuais, influenciados por inúmeros fatores” (MARQUES, 2016, p. 10).

² Este pesquisador está em comum acordo com os ciberativistas investigados e, portanto, considera que a saída da presidenta Dilma Rouseff foi um golpe.

³ Encontramos apenas um estudo sobre eleições e WhatsApp realizado pelo jornalista espanhol Antoni Gutiérrez-Rubí. Ver: GUTIÉRREZ-RUBÍ (2015).



- O ciberativismo, ao fim e ao cabo, é uma manifestação de ativismo social contemporâneo, na qual o emprego das TIC's pode promover modalidades criativas de ações políticas colaborativas em redes sociais virtuais. Trata-se de colocar em prática uma nova maneira de ver, sentir e agir politicamente na sociedade contemporânea ao propor ideias e ações por meio de inúmeros usos das TIC's que estão reinventando o ativismo político. O sociólogo italiano Paolo Gerbaudo (2012; 2017) talvez seja uma das vozes mais ativas no que tange o ciberativismo no mundo contemporâneo.
- O que este autor apresenta como denominador comum, em maior ou menor grau, é abrir espaço para possibilidades políticas cujas posições não estão dadas, mas que são construídas pelos atores sociais envolvidos no processo. Suas chaves de análise – Gebaudo (“coreografia coletiva” e “movimentos das praças”) expressaram movimentos contemporâneos associados a uma “geopolítica da indignação global” (BRINGEL & PLEYERS, 2015) que devem ser situados por suas demandas peculiares “em diferentes coordenadas espaço-temporais” (BRINGEL & PLEYERS, 2015, p. 8).
- As TIC's, conforme visto, podem servir como instrumentos de mudança social e o ciberativismo ganha “nova roupagem” na seara de estudos sobre participação política ao proporcionar a emergência de novos espaços para a democracia. Neste trabalho, em específico, procuramos entender como o grupo criado no WhatsApp em Florianópolis serve como espaço proveitoso para formação de uma identidade coletiva que evoluiu de forma contingente e atingiu proporções que nem mesmo os usuários do grupo imaginavam em suas expectativas iniciais.
- O potencial democrático do WhatsApp pode sim ser apropriado por inúmeros atores sociais de modo a organizar e articular redes de protestos, como diagnosticado no UCG. Neste processo, os mundos *online* e *offline* estão conectados, a saber: “a análise de como eles se relacionam, seja via atores *offline* que deflagram movimentos virtuais ou intervêm na comunicação virtual, seja nos momentos posteriores, quando a dinâmica política se desloca para outros espaços” (SORJ, 2016, p. 13) é pautada por práticas de intervenção que estão para além do mundo institucional, criando um “novo tecido democrático *online/offline*” (SORJ, 2016, p. 18).
- Mas como surge o aplicativo móvel WhatsApp? Por que ele é considerado a “bola da vez” no mundo inteiro? O WhatsApp é um “aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS”.⁴ Foi criado em 2009 e teve seu auge em escala mundial no ano de 2012. Desde então, vem passando por várias atualizações nas suas funcionalidades. Em apenas quatro anos de existência ele cresceu mais que o Facebook e seus números de penetração em diferentes países aumentam exponencialmente (GUTIÉRREZ-RUBÍ, 2015). Não por menos, em fevereiro de 2014, o Facebook anunciou a compra do aplicativo por 16 bilhões de dólares.⁵
- Os usuários dessa tecnologia móvel podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, fazer ligações sem custos desde que haja conexão com a internet. Dentre as funcionalidades, destacamos: conversa em grupos permitindo partilhar todo tipo de informação com os usuários inscritos (que é o canal investigado por este trabalho); a modalidade WhatsApp *Web*, que sincroniza conversas do dispositivo móvel para outro dispositivo, (ou seja, no computador pessoal é possível retomar as conversas presentes no aplicativo do celular); e a execução de chamadas de voz e de vídeo, podendo realizar até ligações internacionais.⁶
- Trata-se de uma ferramenta comunicacional que facilita a organização em grupo, é versátil, tem abrangência global e forte potencial para diversas formas de ação. Ainda podemos destacar a facilidade de relacionar, empoderar e promover a ação coletiva. E, não menos importante, tem uma reverberação crescente em diversas esferas da vida social, sendo usado em ambientes de trabalho, meio acadêmico, campo esportivo, esfera privada, campanhas políticas, movimentos sociais, e para qualquer outro grupo de pessoas afins.

⁴ Disponível em: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br Acesso em: 02 de Maio de 2016.

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/criado-em-2009-whatsapp-cresceu-mais-rapido-que-facebook-em-4-anos.html> Acesso em: 04 de dezembro de 2016

⁶ Disponível em: <https://www.whatsapp.com/features/> Acesso em: 03 de Dezembro de 2016.



Gutiérrez-Rubí (2015) destaca que os grupos presentes no WhatsApp relacionam indivíduos construindo comunidade de interesses, mas que também promove ação autônoma e criativa dos usuários. Há o que o autor denomina de “mobile lifestyle”: comportamento social e individual que relaciona, empodera e promove ação coletiva e autônoma a partir do uso do “smartphone”. No nosso cotidiano, por exemplo, desde que saímos de nossos lares todos os dias vemos o quanto é comum ter algum indivíduo “clitando” a todo instante em seu celular.

Esse “mobile lifestyle” é percebido, por exemplo, nos grupos do WhatsApp ao aproximar pessoas com interesses comuns através da própria iniciativa individual que se inicia com o administrador do grupo. A saber, “por sua dimensão global e por seus mais de 700 milhões de usuários em todo o mundo, o WhatsApp se revela, de forma esmagadora, uma ferramenta indispensável para a política” (GUTIÉRREZ-RUBÍ, 2015, p. 9, tradução nossa).

O “UCG” foi criado no dia 30 de Março de 2016 às 19:19 (horário de Brasília) por um usuário de Florianópolis em um período próximo à votação pela Câmara dos Deputados do pedido de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff. O grupo chegou a ter 256 usuários inscritos que, reivindicavam a volta de Rousseff à presidência. Este pesquisador verificou que desde sua criação as informações disseminadas no grupo aconteceram em meio a um período de turbulência política no Brasil.

No momento em que este texto era escrito, o UCG tinha cerca de 197 usuários, sendo aproximadamente mais de cem registrados no grupo com o DDD (+48)⁷. O número de usuários varia de um dia para outro, já que tanto podem entrar novos como sair antigos. No grupo, praticamente todos os números foram inscritos como administradores, o que permite adicionar novos integrantes e sinaliza uma organização de forma horizontal.

A grande maioria dos inscritos provém da região Sul do país, especialmente da cidade de Florianópolis, mas estando presentes ciberativistas de outras regiões e alguns do exterior. Houve então uma transnacionalização do grupo sem qualquer pretensão inicial para isso. O grupo começa numa escala geográfica do estado de Santa Catarina, espraia-se para escala nacional onde usuários de outros estados brasileiros foram adicionados, ao mesmo tempo em que conecta fortes redes transnacionais. O UCG é formado por um grupo heterogêneo de atores sociais, tais como: educadores, engenheiros, petroleiros, geólogos, médicos, psicólogos, psicanalistas, arquitetos, sindicalistas, estudantes universitários, dentistas, atores, poetas, cronistas, bancários, músicos, professores universitários, mestres, doutores e políticos.

Os integrantes do grupo se posicionam majoritariamente como defensores de uma ideologia de esquerda: se orientam basicamente para a promoção da igualdade entre os homens e para a mudança da ordem social. Bobbio (1994) explica que na esquerda percebemos o princípio do igualitarismo; o laicismo; a crítica das limitações ético-religiosas; a inexistência de conceitos absolutos de bem e mal; os interesses dos trabalhadores, que devem prevalecer sobre a necessidade de crescimento econômico; o antifascismo; e a identificação permanente com as classes inferiores da sociedade. A saber: “a conotação central da noção de esquerda apresentada por Norberto Bobbio é com a ideia de igualdade. Segue sendo usada no mundo político e tem que ser mantida” (ERREJÓN & MOUFFE, 2016, p. 131, tradução nossa).

Este pesquisador criou um *modus operandi* para qualificar o modo de ação do UCG baseado em sua “netnografia”. O grupo se uniu sob um projeto de esquerda formado por vários atores sociais. O florescimento das “paixões”, conforme visto, foi elemento-chave e se mostrou capaz de dar coesão ao grupo. Os ciberativistas criaram possibilidades de participar num coletivo e isso não envolveu uma solução necessariamente racional. Eles se uniram, mas reconheceram os direitos de outros usuários a exporem também seus pontos de vista sobre o contexto político brasileiro. Houve o dissenso, mas com uma base de consenso, princípios éticos e morais que foi essencial para se organizarem em

⁷ Esse DDD equivale a usuários da Grande Florianópolis e da região sul do Estado de Santa Catarina. Há também DDD (+47) E (+49) que equivalem a outras regiões do Estado.



conjunto. O *modus operandi* do UCG “não decorreu necessariamente de um projeto consciente, mas simplesmente daquilo que as pessoas fazem, sentem, percebem, e termina por articular à medida que procuram significados para sua vida cotidiana” (HARVEY, 2014, p. 22).

No caso brasileiro, quando uma força política conservadora transformou a consciência da população e a ganhou a sua confiança: tornou-se muito difícil construir uma alternativa para ocupar esse terreno. O grupo surgiu com motivações, interesses e projetos de se unirem contra esta “direita que saiu do armário” (MESSENERG, 2016) e o início do governo Temer. Para isso, utilizaram os dispositivos do WhatsApp para interagir socialmente, motivados pela indignação com a situação política brasileira e propelidos pelo entusiasmo de criar novos projetos de ações políticas que revelaram valores pró-democráticos. Um das questões fundamentais nesta pesquisa foi investigar como esse *modus operandi* (Quadro 1) permitiu um espaço proveitoso para potenciais formas de participação política e aproximação de vínculos entre os usuários.

Quadro 1: Fatores estruturantes e *Modus Operandi* do UCG

| Três motivações-chave para criação do grupo | Contexto político brasileiro que favoreceu a união do UCG | Criação do Grupo no WhatsApp | Resultado: <i>Modus operandi</i> UCG |
|--|---|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Parlamentares conservadore - Mídia tradicional parcial - Judiciário Espetacularizado | <ul style="list-style-type: none"> - Impeachment de Dilma Rouseff; - Início do Governo Temer; - Cortes drásticos no orçamento das políticas sociais, redução de benefícios, destituição de direitos, seja no mundo do trabalho, seja nas políticas sociais e nos serviços públicos; - Medidas anti-sociais como a aprovação da PEC 241 ou PEC 55; - Não legado de Junho de 2013. | <ul style="list-style-type: none"> - Interações via postagens a um custo reduzido e de forma interativa; - Convocação de protestos, a partir do cruzamento <i>online</i> / <i>offline</i> (WhatsApp / ruas); - Espaço coletivo de articulação; - Inserção da política na prática cotidiana; - Paixão como elemento irracional que permitiu maior coesão ao grupo. | <ul style="list-style-type: none"> - Processo organizativo na forma de redes, onde os ciberativistas: identificam problemas; compartilham informações; convocam protestos; buscam soluções conjuntas; e ainda desenvolvem formas de solidariedade para garantir o respeito ao direito de outros usuários exporem seus pontos de vista. Sua organização descentralizada é basicamente formada por diversos participantes que não reconhecem uma liderança formal. |

Fonte: Elaboração do autor.

Vale frisar que neste texto destacamos apenas o resultado da “netnografia” de nossa metodologia tripartite. Diagnosticamos também que, no momento da entrada de um usuário no UCG, subitamente o novo integrante é transformado em administrador do grupo, tendo a opção de adicionar novos usuários caso assim o queira. A partir daí, foi criada uma lógica em que todos passaram a ser administradores do grupo, corroborando mais uma vez a horizontalidade de sua organização. Cada usuário contribuiu de alguma forma com o fortalecimento dos laços sociais no UCG, seja com conhecimento, leitura ou reflexões sobre as informações postadas. Foi bastante recorrente as postagens de informações do jornalismo independente “Mídia Ninja”, como uma capacidade de contra-informação dos veículos da mídia tradicional.

Não houve um caráter programático a ser seguido, além de ser livre a expressão de cada um no grupo. Este talvez seja o maior diferencial do UCG na sua forma de atuação. Se nosso dia tem apenas 24 horas e é cada vez mais acelerado, a forma de utilizar o *WhatsApp* que os ciberativistas encontraram foi peculiar, pois, além de participarem das atividades do grupos, combinaram responsabilidades pessoais e profissionais com a possibilidade de aproximar a participação política à vida cotidiana.



- O UCG mostrou que o virtual e o real estão conectados em único mundo. Significa dizer: um modo novo de promover interação e de circular um mutirão de informações no grupo do *WhatsApp*. Mais ainda: “os cidadãos comuns no centro dos debates, das iniciativas e das práticas. Isso aproxima o ativismo social e a cidadania ao mundo da vida e das experiências vividas pelas pessoas” (BRINGEL & PLEYERS, 2015, p. 15).
- O uso do *WhatsApp* como plataforma para participação é um desafiador objeto de pesquisa, já que provoca importante alterações nos estilos de vida contemporâneos e abre espaço para uma abordagem teórica multidisciplinar. Os ciberativistas investigados construíram e mantiveram laços de articulação criados no momento de interação do UCG. Percebemos uma evolução do nível de proximidade dos ciberativistas desde que o grupo foi criado, em Abril de 2016. De alguma forma, este grupo do *WhatsApp* apresentou diversas maneiras de expressar as “paixões” (MOUFFE, 2016), a partir do momento em que foram capazes de formular suas próprias enunciações, passíveis de serem aceitas ou contestadas pelos outros usuários, de incendiar os debates e participar de forma interativa, tendo em mente que o conflito é inerente ao trato da política.
- No momento em que se discute o que é “reinventar a política” no século XXI, estes ciberativistas nos deixam pistas: foram “challengers” ao desafiarem as maneiras de pensar a política para além dos canais institucionais e participaram ativamente de discussões realizadas no UCG e, portanto, realizaram um simples exercício de aproximar a política ao seu cotidiano. Demonstraram ainda adquirir “energia niveladora, democrática, ingrediente indispensável para mudanças” (MOUFFE & ERREJÓN, 2016: 54), qual seja: foram para as ruas, convocaram protestos, disseminaram informações ignoradas pela mídia tradicional, confeccionaram camisetas do grupo, organizaram atividades.
- Ao fim e ao cabo, criaram o *modus operandi* UCG, enquanto seres políticos. A imprevisibilidade, as mudanças e as transformações que este grupo percorreu serviram como suporte para o surgimento de relações políticas ali desenvolvidas. Os ciberativistas investigados também criaram um caminho inverso *offline/online*, revelando que a internet e as ruas estão em conectadas em um bloco só. Os ciberativistas do UCG criaram uma nova modalidade de participação a partir da ampla interação promovida pelos integrantes do grupo por meio do compartilhamento de saberes, aprendizagens recíprocas, empoderamento irrestrito e indignação crescente. Mostraram-se políticos ao estabelecerem uma relação de duradouro vínculo que resultou numa empatia geral e coletiva. Esta serviu como fôlego para dar prosseguimento às atividades desenvolvidas pelo grupo.
- As novas modalidades de participação, a nosso ver, passa pela ação destes ciberativistas com a clara intenção do comprometimento e envolvimento das atividades a que foram submetidos. A prática do *modus operandi* UCG foi lutar e acreditar na construção de uma participação interativa como uma criação sociopolítica e uma experiência subjetiva. Não há uma separação entre mundo *online/offline* e sim um único mundo formado por estes dois momentos. O recado de que o mundo virtual e as ruas convergem em um só caminho implica aprofundar dos estudos sobre ciberativismo, ainda mais com o caráter efêmero e instantâneo alavancado pelo *WhatsApp* no século XXI.
- Os usuários do UCG criaram uma capacidade de diálogo a partir da interlocução com problemas políticos enfrentados pelo Brasil em 2016. A interação e o entrosamento experimentados culminaram na proveitosa oportunidade para estreitarem laços sociais no grupo do *WhatsApp*. Os sonhos e as utopias revelados pelos ciberativistas proporcionaram a formação de relações de amizade que, robusteceram a união dos ali envolvidos, bem como os motivou a seguirem no grupo. Os desejos, as opiniões e as expectativas foram também relevantes para sua forma de organização.
- Para concluir, os integrantes do grupo investigado expuseram suas razões, lidaram com o confronto e enfrentaram o choque de opiniões diferentes. Enfim, despertaram suas “paixões” (MOUFFE, 2016) ao criarem um tipo de afeto comum que os mobilizou a partir da constituição de formas de identificação. A articulação de demandas conforme um processo que começou com o projeto de unir-se contra o golpe e, de forma contingente, assumiu diversas novas características permitiu a forma de ação social e política destes ciberativistas, a partir de seu *modus operandi* e nos revelou *insights* para pensar os indivíduos como atores da vida política moderna.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Sérgio. (2017). WhatsApp e política: novas formas de ciberativismo em Florianópolis. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis.
- BOBBIO, Norberto. (1995) Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política Editora Unesp: São Paulo.
- BRINGEL, Breno & PLEYERS, Geoffrey (2015). “Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil”. Nueva Sociedad, nov./dez., pp. 4-17.
- ERREJÓN, Íñigo & MOUFFE, Chantal (2016) Construir pueblo: Hegemonía y radicalización de la democracia. Barcelona: Icaria.
- GERBAUDO, Paolo (2012). Tweets and the streets Social Media and Contemporary Activism London, UK: Pluto.
- GERBAUDO, Paolo (2017). The mask and the flag: Populism, Citizenism and Global Protest London: Oxford University Press.
- GUTIÉRREZ-RUBÍ, Antoni. (2015) La política en tiempos de WhatsApp. Espanha: El país libros.
- HARVEY, David (2014). Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes.
- MESSEMBERG, Débora (2016). A direita que saiu do armário: comportamento e cosmovisão dos formadores de opinião dos ativistas de direita brasileiros. Trabalho apresentado na AT Democracia e Desigualdade no 40ª Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais.
- MOUFFE, Chantal (2015) Sobre o político. São Paulo: Martins Fontes.
- MOUFFE, Chantal (2016) La paradoja democrática. Madrid: Gedisa editorial.
- PENTEADO, Cláudio Luiz Camargo; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar & SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos. (2015). Democracia digital e experiências de e-participação: webativismo e políticas públicas. Histórias, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, supl., dez., p. 1597-1619.
- PEREIRA, Marcos Abílio (2012). Movimentos sociais e democracia: a tensão necessária. Revista Opinião Pública, vol. 18, n° 1, Junho, pp. 68-87.
- SORJ, Bernardo. (2016). Online/off-line: o novo tecido do ativismo político. In: SORJ, Bernardo & FAUSTO, Sergio. Ativismo político em tempos de internet. São Paulo: Edições Plataforma Democrática.